

Testemunhas de si mesmo: mudanças no jornalismo na era dos testemunhos

Witnesses of self: changes in journalism in the age of testimonies

Testigos de sí mismos: cambios en el periodismo en la era de los testimonios

Cristine Gerk

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
<crisgerk@gmail.com>

Marialva Barbosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
<marialva153@gmail.com>

Resumo

Este trabalho pretende discutir o que denominamos Jornalismo na Era dos Testemunhos, a partir de uma reflexão a respeito da forma como os relatos são tratados em produtos midiáticos na contemporaneidade. Tratamos das implicações entre memória, testemunho e jornalismo, a partir do testemunho dos próprios jornalistas, eleitos pelos pares como referências na profissão no Brasil. Escolhidos como porta-vozes por mais de cem profissionais com passagens por redações do Rio de Janeiro, Caco Barcellos, Ricardo Boechat, Eliane Brum, Glória Maria e Leslie Leitão analisam as mudanças na profissão hoje, tendo como norte a análise do impacto deste também chamado “jornalismo declaratório”.

Palavras-chave: Jornalismo. Contemporaneidade. Mídia. Prática profissional.

Abstract

This work intends to discuss what has been called “Journalism in the Testimony Age”, starting with a reflection about the way testimonies are treated by journalists in mediatic products. We talk about the implications between memory, testimony and journalism with the help of the testimonies of the journalists elected by the group as references in the profession in Brazil. They talk about their memories and about the dimension of the testimony in their professional practices. Caco Barcellos, Ricardo Boechat, Eliane Brum, Glória Maria and Leslie Leitão analyse changes in journalism nowadays, focusing on the analysis of the impact of the so called “declaratory journalism”.

Keywords: Journalism. Contemporaneity. Media. Professional practice.

Resumen

Ese trabajo desea discutir lo que llamamos “Periodismo en la Era de los Testigos”, desde una reflexión sobre la manera que son tratados hoy los testigos por periodistas en productos mediáticos. Hablamos sobre las implicaciones entre memoria, testigo y periodismo, con la ayuda de periodistas elegidos por los pares como referencias de la profesión en Brasil. Ellos hablan sobre sus memorias y sobre la dimensión del testigo en las prácticas profesionales. Caco Barcellos, Ricardo Boechat, Eliane Brum, Glória Maria y Leslie Leitão analizan los cambios en el periodismo hoy teniendo como norte la análisis del impacto del también llamado “periodismo declaratorio”.

Palavras clave: Periodismo. Contemporaneidad. Medios de comunicación. Práctica profesional.

O lide tem sido recorrente: o jornalismo passa por um período de crise, com necessidade de reinvenção. Essa luta se relaciona com a tentativa de manter protegido um lugar histórico conquistado pela profissão, em meio ao turbilhão de um período con-

temporâneo que denominamos “Era dos Testemunhos”. E que lugar histórico é esse? O de testemunha da história? O que significa esta Era dos Testemunhos?

Os relatos têm ganhado legitimização por si sós, sem necessidade de canal legítima-

dor ou intermediário para a divulgação. Mas a história... Por mais nebulosos que pareçam o presente e o futuro, não é possível ignorar que o jornalismo tem muita história. E vice-versa. São principalmente as associações entre jornalismo, memória e testemunho que sempre tornaram essa história profissional possível e viva, cheia de rupturas e continuidades.

Este artigo percorre os caminhos que relacionam esses três campos para analisar as transformações sofridas pelo jornalismo a partir do advento da internet, sobretudo de smartphones e redes sociais, sem perder de vista a historicidade. O testemunho não pode ser pensado sem se considerar a dimensão da memória. Ele pressupõe o contato com lembranças e registros, individuais e coletivos. Da mesma forma, a memória só é consolidada a partir do momento em que é transmitida, através dos relatos.

Muito se tenta prever sobre o futuro dessa profissão a partir do século XXI, mas é difícil fazer qualquer previsão sem estudar o testemunho daqueles que tentam segurar as rédeas do fluxo descontrolado do tempo para continuar na cela de referência. É preciso analisar quem inspira ainda esse grupo, e que valores motivam a admiração, para entender para onde esse trotar confuso se direciona. Portanto, a questão do testemunho é estudada em duas dimensões nesta pesquisa: o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo.

O ponto de partida metodológico foi a aplicação de um questionário, respondido por 103 jornalistas cariocas entre março e abril de 2017. Foi pedido para que o participante indicasse o jornalista que considera uma espécie de ícone na profissão e por

quê. Na sequência, os “ícones” eleitos, que neste trabalho denominamos personagens-emblemas memoráveis, comentaram as mudanças no jornalismo, os desafios, falam sobre suas memórias, aqueles que admiram na profissão, seus valores e sobre como avaliam o que denominamos aqui Jornalismo na Era dos Testemunhos. Foram escolhidos para entrevista os seis mais citados pelos pares: Caco Barcellos, Ricardo Boechat, Elio Gaspari, Eliane Brum, Glória Maria e Leslie Leitão. Destes, apenas Elio Gaspari não aceitou ter sua entrevista reproduzida. Os entrevistados dão seu testemunho e nos emprestam suas memórias e análises sobre este momento da história, no qual ocupam lugar privilegiado de testemunha. Um período no qual as testemunhas (e seus relatos) têm lugar privilegiado nos jornais e nas redes sociais. Neste artigo, focamos em analisar como eles entendem esse fenômeno.

A pesquisa partiu de algumas questões principais: se em uma época com profusão de testemunhos o jornalista tem seu testemunho enfraquecido, então o jornalismo perdeu o lugar autoatribuído de testemunha? Como isso impactaria as práticas cotidianas e a forma como a profissão é referenciada pelos próprios jornalistas? Sendo assim, há uma hipótese central que norteia este trabalho: se há uma mudança do testemunho como dimensão do jornalismo, haveria também mudanças nas práticas e na identidade jornalísticas.

Segundo Vaz, Santos e Andrade (2014), passamos hoje de um cenário em que se privilegiava a confissão – forma de discurso autobiográfico decisiva para a constituição da subjetividade desde, ao menos, o Concílio de Trento até a modernidade – para uma era de testemunhos, o novo discurso auto-

biográfico crucial para a produção da subjetividade. Neste contexto, o interlocutor deixa de ser valorizado por ter autoridade e ser capaz de ajudar em um processo secreto de salvação ou cura. Ele passa a ocupar um lugar de duplo endereçamento. Quem escuta é um indivíduo qualquer, tolerante e solidário, em uma dinâmica terapêutica que pressupõe a ida ao espaço público, e não o segredo. Desta forma, é valorizado como corajoso aquele que supera o medo e a vergonha e vem a público assumindo lugar de vítima ou de denunciante vitimizado.

Essa característica presente na experiência – de que ela mesma produz a verdade vivida – está também de maneira exponencial em vídeos e fotos mandados pelos leitores para jornais e sites. Jornalistas alertam para o perigo da prática, cada vez mais frequente, de produzir matérias apenas a partir de um relato enviado por leitor em redes sociais, como Whatsapp. Há mais chances de virarem matérias as mensagens acompanhadas de fotos ou vídeos, sobretudo de pessoas que denunciam abusos do poder público ou violências no lugar de vítimas. O testemunho valorizado é cheio de fatos bem descritos, para dar uma dimensão realista à narrativa (SARLO, 2007, p. 50). É o lugar da vítima, a contrário da confissão, que seria o lugar de um agente reflexivo sobre seu próprio comportamento. A partir de um princípio de presunção da inocência do narrador, quem desconfia de um testemunho é visto como sem compaixão ou preconceituoso (VAZ; SANTOS; ANDRADE, 2014, p. 5).

É importante ressaltar que os relatos valorizados e compartilhados no ambiente virtual, e muitas vezes replicados em veículos de mídia, não são apenas os de vítimas,

mas também os de observadores de situações diversas e aqueles que expressam e legitimam a opinião de um grupo, sobretudo de um grupo com opiniões políticas específicas, muitas vezes não importando para os jornalistas e para os espectadores/leitores se as informações transmitidas nesses relatos são verdadeiras ou falsas. Neste sentido, caberia novamente investigar o papel da credibilidade das instituições e figuras emblemáticas do jornalismo nesse ambiente de difusão de boatos e acusações falsas. Para estudar a memória do jornalismo e como ele se configura e reconfigura hoje, é fundamental uma análise que envolva a dimensão do testemunho.

Personagens-emblema memoráveis

Antes de conhecermos a opinião dos entrevistados, cabe fazer uma pequena introdução sobre os personagens eleitos como referência por pares, bem como sobre suas trajetórias. Caco Barcellos nasceu na periferia de Porto Alegre, em 1950. Ele se especializou, ao longo da carreira, em jornalismo investigativo e em grandes reportagens, sobretudo sobre injustiça social e violência. Começou no jornalismo como repórter do jornal *Folha da Manhã*, do grupo gaúcho Caldas Júnior. Teve atuação destacada nos veículos da imprensa alternativa dos anos 1970. Antes de trabalhar para a Rede Globo, onde ficou mais conhecido pelo grande público, foi repórter de outros jornais e das revistas de informação semanal *Istoé* e *Veja*. Ainda quando trabalhava no jornalismo impresso, no fim dos anos 1970, foi correspondente internacional em Nova Iorque. Durante seis anos apresentou um programa semanal na emissora Globo News. A partir de 2001, passou a atuar como

correspondente internacional em Londres, para a Rede Globo. Atuou durante mais de 20 anos em programas da Globo, como *Globo Repórter*, *Fantástico*, *Jornal Nacional* e no *Profissão Repórter*, que comanda atualmente. É o autor do livro *Rota 66*, que lhe custou oito anos de pesquisa e várias ameaças. A obra faz denúncias sobre o trabalho da polícia em São Paulo. A investigação levou à identificação de 4.200 vítimas mortas pela Polícia Militar de São Paulo. Em 2008, recebeu o Prêmio Especial das Nações Unidas, como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram, nos últimos 30 anos, na defesa dos direitos humanos no Brasil.

Ricardo Boechat nasceu em Buenos Aires, em 13 de julho de 1952, e morreu em fevereiro de 2019, em um acidente de helicóptero. Trabalhou nos principais jornais do Brasil, como *O Globo*, *O Dia*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Foi também diretor de jornalismo na Band, e trabalhava como âncora de dois jornais: nas redes de rádio da BandNews FM, e de televisão, a Band do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Boechat ganhou três prêmios Esso (1989, 1992 e 2001), oito prêmios Comunique-se (2006, 2007, 2008, 2010, 2012, 2013, 2014 e 2017) e o Troféu Imprensa 2016 – Melhor Apresentador de Telejornal, entre outras honrarias.

Glória Maria nasceu no Rio de Janeiro, em 1949. Em 1970, foi levada por uma amiga para ser rádio-escuta da Globo do Rio. Em 1971, estreou como repórter da emissora. Glória trabalhou no *Jornal Hoje*, no *Bom Dia Rio* e no *RJTV*. No *Jornal Nacional*, foi a primeira repórter a aparecer ao vivo, em 1977. A partir de 1986, a jornalista integrou a equipe do *Fantástico*, do qual foi apresentadora de 1998 a 2007.

No programa, ficou conhecida pelas matérias especiais e viagens a lugares exóticos, e por entrevistar celebridades como Michael Jackson e Madonna. A jornalista cobriu a guerra das Malvinas (1982), a invasão da embaixada brasileira do Peru por um grupo terrorista (1996), os Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e a Copa do Mundo na França (1998). Após 10 anos no *Fantástico*, Glória anunciou que iria tirar dois anos de licença para se dedicar a projetos pessoais e, ao retornar à Globo, em 2010, pediu para integrar a equipe do *Globo Repórter*, programa do qual faz parte até hoje.

Leslie Leitão tem a sua trajetória profissional ligada a veículos sediados no Rio de Janeiro. Ele começou a carreira na editoria esportiva, em 1996, sendo repórter da [hoje extinta] agência *Sports Press*. Aos 19 anos, chegou diário *Lance*. Leslie passou pelos jornais *Extra* e, depois, *O Dia*. Entre suas principais reportagens nas áreas de esportes, em que ficou por oito anos, está o caso do assassinato da modelo Eliza Samudio pelo ex-goleiro do Flamengo Bruno Souza, que Leslie foi o primeiro a noticiar. Sobre o caso, escreveu, em parceria com dois outros jornalistas, o livro *Indefensável – o goleiro Bruno e a história da morte de Eliza Samudio*. Outra reportagem de grande destaque foi sobre Eurico Miranda e a caixa-preta do futebol, publicada pelo *Extra*, que concorreu ao prêmio Esso, em 2001. Com o trabalho *Faroeste Carioca*, publicado no jornal *O DIA*, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 2010. Ele foi ainda finalista ao Prêmio Esso, categoria regional 3, em 2007, com o trabalho *Memórias do cárcere*, publicado no jornal *O DIA*. Desde 2017, Leslie trabalha na TV Globo, no núcleo de jornalismo investigativo.

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e 10 como repórter especial da revista *Época*, em São Paulo. Desde 2010, atua como *freelancer* e faz projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo. De 2009 a 2013, foi colunista do site da revista *Época*. Desde 2013 tem uma coluna quinzenal, em português e espanhol, no jornal *El País*. É também colaboradora do jornal britânico *The Guardian*. Publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance –, além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios. Como jornalista, Eliane Brum ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como *Esso*, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio Comunique-se. Por cinco vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa.

Análise das referências

Perguntamos aos entrevistados sobre o conceito, trabalhado nesta pesquisa, de “Jornalismo na Era de Testemunhos”. Explicamos que tinha relação com uma crítica, feita por muitos jornalistas, de um jornalismo que se baseia, atualmente, apenas em relatos enviados ou publicados em rede social, por vezes apenas acompanhados de resposta de autoridades competentes. A intenção era questionar os entrevistados so-

bre as consequências desse método, e como ele impacta na profissão, no sentido de interferir, ou não, na capacidade de o próprio jornalista ser ele mesmo “testemunha da História”. A temática já havia sido abordada espontaneamente pelos jornalistas em outros momentos das conversas, mas como este trabalho se relaciona diretamente a esse assunto, o exploramos um pouco mais e trazemos os resultados neste artigo, para pensarmos o fenômeno à luz da opinião de personagens escolhidos como referência.

Barcellos reconhece o fenômeno e diz que ele impacta negativamente, em primeiro lugar, na “felicidade do jornalista”, já que para ele é um privilégio e algo “apaixonante” para o jornalista “se guiar com luz própria, ir atrás da história, onde ela estiver, conhecer pessoas novas todos os dias e aprender com elas”. Para ele, a presença física do profissional durante a reportagem é essencial.

Toda pessoa, independentemente de classe social, guarda consigo uma bela história, cabe a você conhecê-la, ouvi-la. Acho que as ferramentas, que não são nada tecnológicas, mais eficazes para um bom trabalho de profundidade jornalística são as que estão na nossa cabeça, são os olhos, a boca, e principalmente os ouvidos, são essenciais, porque você se dedicar a ouvir o conhecimento alheio é fascinante, você aprende junto, e depois é contar aquela história. E no conjunto dessa busca é relativamente fácil você se aproximar da verdade. A verdade absoluta é um conceito inatingível, mas é nossa obrigação se aproximar dela. [...] Eu confio e desconfio de todos, é preciso estar lá e ver com meus olhos,

quais as perguntas que eu tenho, qual o interesse de quem enviou o relato, a que grupo pertence, qual a sua ideologia, preferências religiosas, sexualidades, preconceitos. O meu olhar é de desconfiança. Interagindo com o grupo você tem novas possibilidades, diferentes, de contar uma história, de se aproximar dessa verdade. Claro que cada um sofre influências de seus preconceitos.

Boechat também reconheceu o fenômeno, mas não teve uma interpretação negativa da tendência. Para ele, a questão se resumia a uma análise sobre mediação, mais especificamente sobre uma perda de protagonismo do jornalista.

As testemunhas nos entregavam seus testemunhos, essa função, esse carregamento de conteúdo, era feito só pelos jornalistas. Eu vejo essa mudança de forma saudável, hoje são 7 bilhões de pessoas fazendo isso. Não vejo isso assim, como uma prática de só administrar relatos sem agregar à apuração, faz isso quem quer, é uma forma de reduzir a relevância do que está fazendo, eu por exemplo não escuto autoridades. Agora, existem fatos com início, meio e fim na própria cena, a testemunha que viu uma colisão, você tem quase 100% do necessário para contar o fato, e isso basta naquele primeiro momento.

Para Boechat, as pessoas “comuns” estão se fazendo presentes numa escala que nunca estiveram e elas são as testemunhas reais da história. Ele argumentou, nesse momento,

que o jornalista sempre se apropriou dos testemunhos alheios, sem ser ele mesmo a testemunha. Apenas teria perdido o monopólio da difusão da informação coletada. O apresentador tampouco acreditava que o jornalista esteja mais “preguiçoso”: ele teria apenas se adaptado a novos parâmetros e referências, sem que tenha ocorrido uma “pioira” em relação a outras épocas.

O jornalista nunca foi testemunha de merda nenhuma, na redação estavam, eram acionados pelas testemunhas dos fatos, as pessoas contavam o que tinham visto, a história sempre foi contada pelas pessoas que viveram a história. O que o jornalismo fazia era dar voz a essas pessoas, trabalhar e estruturar essa narrativa para ela ser assimilada, passada da forma mais fiel e sedutora possível para o maior número de consumidores dessa narrativa. [...] Essa difusão era o grande pulo do gato, porque quem detinha esse poder de difusão eram os meios de comunicação nos quais ele estava inserido. Hoje essa capacidade de difusão de massa está na mão de todo mundo. Então, o jornalista continua tendo esse mesmo papel, qualificando a narrativa, checando, confrontando, questionando, formatando, mas é evidente que se ele não tiver como aportar esse ganho de qualidade à narrativa do fato, esse fato será narrado pelas próprias testemunhas numa condição privilegiada porque elas viveram os fatos. Num acidente aéreo quem você quer ouvir? O jornalista dizendo que houve um acidente aéreo ou o sobrevivente que esteve a bordo

do acidente aéreo, que viu as pessoas gritando, reagindo, caindo, chorando? Eu posso contar, mas tenho a voz do cara contando diretamente. Então eu tenho que aportar alguma coisa ao testemunho histórico porque esse testemunho nunca me pertenceu, ele vinha pra minha mão antes porque a testemunha não tinha opção de torná-lo público em grande escala. Agora ela tem. Então qual é o meu papel nessa história? Meu papel é [...] qualificar a narrativa do fato, vou agregar a ela coisas que eu pela natureza do que faço vou poder somar, fazer memória de outros acidentes. Isso está um pouco perto de todo mundo, nunca estive tão perto, mas ainda assim esse é meu trunfo, é a capacidade de montar um texto, uma narrativa descritiva com estilo, qualidade idiomática, com síntese, objetividade, coisas que às vezes as pessoas que não são treinadas não vão fazer [...].

É interessante observar que Boechat e Barcellos apresentaram opiniões com pontos divergentes e semelhantes. Barcellos enxerga um declínio e uma crítica em relação ao uso indiscriminado de narrativas pelos jornalistas, já Boechat não via uma mudança em relação ao que era feito no passado. Mas ambos defenderam uma necessidade de qualificar o relato jornalístico com algo mais do que o simples relato alheio. Barcellos, porque se preocupa com o conteúdo transmitido e sua relação com a verdade. Boechat, porque acreditava que, sem isso, não haveria motivo para o espectador escolher o relato jornalístico, e não o da fonte. Boechat defendeu ainda que o jor-

nalista nunca foi testemunha, ele mesmo, dos fatos, contestando um valor autoatribuído na longa duração.

Barcellos descreve como principal desafio do jornalismo na contemporaneidade, justamente, a noção de “jornalismo declaratório”, o contexto analisado neste trabalho.

Hoje a gente tem uma função essencial, nesse momento em que é um modismo o jornalismo declaratório. O jornalismo declaratório não combina com a reportagem feita com luz própria. No jornalismo declaratório, basta uma entrevista, e uma entrevista pode conter todas as verdades do mundo e também todas as mentiras. Eu só admito divulgar uma entrevista, já que sou repórter, depois de provar que cada palavra dita é verdadeira. O jornalismo, no gênero reportagem, é essencial nesse momento em que outros gêneros se ocuparam dessa função de ser jornalista. Eu gosto muito, adoro, evidentemente não tenho nada contra, usar as entrevistas como multiplicadoras de ideias, para reflexão, nesse gênero de jornalismo, não sei se posso chamar, mais centrado na reflexão. Mas por si só, numa reportagem, não passa de um instrumento para início de uma pauta. Acho essencial porque muita gente hoje, o público em geral, não faz essa diferença, não entende que ali tem uma opinião do autor, da obra jornalística, acreditando que seja verdade, e não o olhar de um profissional apenas. E como estamos nessa situação de extrema polarização, acho essencial essa função de retratar de

forma precisa as notícias conforme elas nascem [...]. Nossa função é legal também para o trabalho do sociólogo, do historiador, do antropólogo, que se baseiam na história instantânea, no relato do repórter. Agora, claro que eu falo de repórter, estamos falando de repórter que trabalha com luz própria. Por exemplo, a cobertura de Lava-Jato não é um trabalho de reportagem. É reprodução de dossiê. [...] Não é a reprodução que eu acho essencial, o trabalho essencial é independente. Buscar as informações não só através do relato, que é obra de terceiros, do promotor, juiz, do policial, do delegado. [...] O que acho essencial é esse trabalho nosso de buscar, questionando o assunto”.

Barcellos também citou como exemplo do que o incomoda as reportagens que abordam apenas aspectos superficiais, como as que classificam manifestações como ações de vândalos, enfocando apenas o prejuízo público ou danos ao patrimônio.

Se o autor da obra fosse um repórter, perguntasse por que [um ônibus estava queimado], andasse quatro quarteirões, certamente iria encontrar o corpo de um negro pobre fuzilado pela polícia. [...] Imagina, se o trabalho fosse com esse olhar independente do repórter, a sociedade seria informada de outra maneira. Eu imagino que daqui a dois anos, 15, 20 anos, quando o historiador contar a história do Rio de Janeiro e se ele basear nos relatos da maioria, vai dizer que houve uma época no Rio em

que os bandidos botavam fogo nos ônibus no Rio de Janeiro, causando prejuízo público. Se esse repórter tiver luz própria, fazendo a pergunta ‘por quê?’, esse historiador vai poder olhar para esse momento de outra maneira, houve uma época no Rio de Janeiro em que as famílias revoltadas pelo fuzilamento de seus parentes colocavam fogo nos ônibus para chamar a atenção da imprensa, das autoridades, que ignoram essa situação que se repete mil vezes por ano.

A fala de Barcellos é crucial porque vai ao encontro de nossa hipótese de que há um fenômeno, que ele batiza de jornalismo declaratório, notado pelo personagem-emblema eleito como porta-voz pelos pares. O fenômeno é criticado por ele, que identifica um risco em não buscar mais fontes ou “uma investigação com luz própria”, reforçando a importância da ida presencial do repórter à cena dos acontecimentos. E Barcellos ainda ressalta outros valores relativos ao jornalista como o capaz de “buscar verdades além das declarações” e autoprotelado “produtor de um registro histórico futuro”. A fala se relaciona a um desejo de futuro do jornalismo, no sentido de criar registros que permaneçam e virem fonte para historiadores de outros tempos.

As opiniões de Barcellos também se relacionam a reflexões propostas em alguns estudos sobre testemunho, como o de Barbosa (2016), que postulou que os textos jornalísticos deveriam mostrar a presença de um sujeito real no desenrolar dos acontecimentos (seja o próprio jornalista ou outros que assumam o papel de testemunhas), confrontar o que é dito entre várias

testemunhas e, por fim, colocar em cena o contraditório (opiniões e visões divergentes, no pressuposto de que se devam ouvir os vários lados dos envolvidos na trama para produzir um texto com pretensão à isenção). Uma mera administração de um ou dois relatos não cumpriria esse papel.

O modo de produção, de certa forma superficial por não empreender essa investigação mais aprofundada, também se relaciona com os regimes de tempo da atualidade, adaptados ao cotidiano profissional do jornalista. A alta competição no ambiente digital, repleto de fontes de informação, demanda uma participação ativa no mundo virtual, sobretudo pela necessidade de receber e processar ininterruptamente uma imensa e crescente quantidade de dados. Isso provoca no jornalista um estresse de atenção contínuo. As leituras são, em geral, um *scanning* intuitivo, sem tempo maior para grande esforço de concentração ou interpretação de texto.

Para Eliane, é complicado fazer a associação entre o conceito de testemunho e o jornalismo, porque ela acredita que o testemunho é um conceito complexo, profundo, “ainda mais nesse tempo de Comissão da Verdade”. Ela preferiria usar os termos “relatos” ou “desabafos”. Feita essa observação, Eliane ressaltou que acha muito complicado “fazer jornalismo que não seja com o corpo, com colocar o corpo”, ressaltando também a importância do jornalismo presencial. O exemplo dado pela jornalista foi o mesmo de Barcellos, referente ao tratamento dado a documentos da operação Lava-Jato. Eliane ressaltou a importância da checagem antes da publicação e da presença “corporal” como fundamento básico para uma reportagem de qualidade.

Assim como os documentos da Lava Jato, os relatos na internet são só pontos de partida pro jornalista. Eles são só por onde tu começa uma investigação, me parece. Primeiro você tem que saber quem é aquela pessoa, se aquela pessoa existe, se ela é quem diz ser. Pra eu publicar algum pequeno relato de alguém na internet, eu falo com essa pessoa, e eu falo com pessoas que possam me dizer quem é essa pessoa. Eu checo, eu preciso checar. E eu tento fazer, assim, é claro que às vezes não é possível, mas eu te diria que 95% do que eu faço é pessoalmente, com meu corpo e diante do corpo daquele outro. Primeiro porque eu acho que a gente documenta muito mais do que palavras. Nós não somos aplicadores de aspas em série. Cheiro, expressão, cenário, contexto, móveis, ruídos que não são palavras, tudo isso faz parte daquilo que a gente tá documentando. Então pra mim como repórter é muito difícil fazer jornalismo sem fazer com meu corpo.

Assim como os demais, Leitão reforça a importância da checagem das informações e questiona “informações iniciais” como “verdades absolutas”. Ele comenta que emissoras de rádio sofreram críticas por “colocar no ar” falas inverídicas, sem nenhuma checagem. Para Leitão, nós estamos vivendo “na era da delação”, mas a “delação não é uma verdade absoluta”. O jornalista pondera, porém, que é preciso também não cair no outro extremo, de deixar de enxergar quando um relato de fato vira notícia, “não se pode brigar com a notícia”, com “fatos”.

Recentemente, por exemplo, nós vivemos um pouco desse dilema. O Orlando da Curicica prestou um depoimento oficial no Ministério Público Federal fazendo várias acusações. E aí ficou um debate. Vamos dar voz a bandido? O cara preso por homicídio. [...] Primeiro que eu sou favor de ouvir qualquer pessoa. Segundo que, a partir do relato dele, o Ministério Público Federal tomou uma medida. Então ele prestou um depoimento e a Raquel Dodge determinou que viesse uma missão da Polícia Federal pro Rio de Janeiro para apurar vários casos e investigar a investigação da Polícia Civil. Então existe um fato criado a partir dessas declarações dele. Essas declarações dele ganham um pouco de contornos oficiais. Aconteceu uma coisa, mudou de patamar. Não é uma simples denúncia [...]. Então nós resolvemos dar por isso, guardadas todas as proporções, fazendo todos os poréns, esclarecendo de quem se trata, mas informando ao telespectador o que tá acontecendo, entendeu? Porque há uma pressão gigantesca no caso Marielle.

Para Leitão, o mais importante é checar se é notícia e ouvir o “outro lado”, e não apenas “sair escrevendo”. Ele cita uma ocasião em que uma fonte, um policial, ficou chateado com ele porque não escreveu que determinado criminoso preso era chefe do tráfico de uma favela do Rio de Janeiro. Ele se recusou a dar essa informação porque sabia que ele não tinha mais esse posto na comunidade, e o policial

entendeu que o repórter estava “querendo diminuir o trabalho dele”. O exemplo ilustra a difícil relação com fontes, sobretudo no jornalismo policial, na hora dessa checagem de informações.

Eu vivo de credibilidade. Então a senhora, a dona Maria, que tem um bar na esquina do Jacarezinho, ela não pode numa reportagem minha achar que eu sou um desinformado, entendeu? Que eu digo ainda que um cara que foi chefe do tráfico oito anos atrás continua como chefe do tráfico. Não faz o menor sentido. Esse tipo jornalismo declaratório... eu chequei, eu já sabia quem era e fui checar e não era mesmo. Ele já tinha saído, entendeu? Isso é o mínimo de checagem, é uma checagem muito “bê-a-bá”, até porque o próprio telespectador, o leitor, ele já tá meio de saco cheio, “ah, o cara é chefe do tráfico mesmo? Porque todo mundo é chefe do tráfico”, entendeu? Então esse é o tipo de coisa que dá pra checar. Não é difícil de checar isso.

Assim como os demais, Leitão ressalta a importância da presença no jornalismo policial. Como exemplo, ele cita a cobertura de ações policiais em favelas, quando, geralmente, “a imprensa inteira fica do lado de fora” e “quando a polícia sai, ela conta o que aconteceu, a versão dela”. Leitão diz que sempre defende a importância de a imprensa participar das operações porque, inclusive, “as arbitrariedades acabam sendo evitadas pelo simples fato de a imprensa estar ali, diligente, cobran-

do, explicando”. A presença é “vantajosa” também para a polícia, porque “um trabalho eventual que eles façam, uma apreensão” é noticiado. A fala de Leitão reforça a valorização de um jornalista considerado cão de guarda da sociedade, até mesmo antes da produção da notícia, ou seja, para que os desmandos que possam vir a ser notícias nem sequer aconteçam.

Agora quando a gente tá junto, você entra na missa, né, você não fica do lado de fora da igreja. E, assim, eu acho que ali você passa a ser testemunha realmente ocular dos fatos, que é um pouco o caso da guerra, de você ouvir o que acontece na Síria e você ir à Síria e tentar entender a realidade de perto. Eu acho isso aí absolutamente fundamental. Por isso que eu sempre defendi, inclusive até muitas vezes eu fui atacado por isso. Alguns colegas me criticaram por isso, alguns colegas entendiam que era risco demais. Assim, tem o risco, eu me preparei praquele risco ali, eu fui aprendendo a lidar com aquele risco.

Glória Maria também ressaltou o valor histórico do jornalismo, de ser um canal propagador de “verdades”. Para ela, o jornalismo “corre o risco de virar uma coisa menor” se passa a se basear apenas em relatos, pelo risco da publicação de informações inverídicas.

Porque hoje você ir em busca dos fatos, os fatos vão atrás de você. Porque às vezes você tem até a informação correta, mas você é soterrado pela

quantidade de informações ou falsas ou dúbias. Então o que acontece: às vezes você tem lá a verdade pura e cristalina, mas ela deixa de ter importância em torno das versões. Então eu acho que essas novas tecnologias, elas têm um lado que elas ajudam, mas têm um lado que elas estão empobrecendo fortemente o exercício do jornalismo.

Lopes (2013) se aprofundou em alguns aspectos que se ligam à identidade jornalística, como a dimensão gnoseológica, ou seja, o fato de que ele sempre se reporta ao mundo real, e não ficcional, mesmo que a realidade se enquadre a um mundo virtualizado. Aí se fundariam, segundo a autora, as crenças sobre a verdade jornalística e o papel de mediação. O segundo âmbito do jornalismo seria o político-discursivo, um discurso autorizado e desejado entre público e fatos. A retórica jornalística, de acordo com Lopes, explora a verossimilhança ao mesmo tempo que busca um estatuto de verdade, pela norma da objetividade, ou seja, na reunião de elementos que esfumam o esforço retórico e revertem o discurso de aparência inquestionável, evidente, lógica. Lopes resalta que, na época da ditadura, ficaram reforçados os papéis de jornalistas como promotores dos valores democráticos e defensores de garantias individuais e coletivas, porta-vozes desinteressados do bem comum. A busca pela “revelação da verdade” também trouxe à tona a categoria de jornalismo investigativo, que marcou o jornalista como um “vigia” da sociedade, mediador entre o poder público e os fatos. Todos esses fatores, segundo a autora, reforçaram o papel social do jornalismo. E,

como mostram os entrevistados neste trabalho, ainda têm grande peso.

Considerações finais

Barcellos, Boechat, Eliane, Glória e Leitão demonstram preocupação com o fenômeno descrito por eles como jornalismo declaratório, a prática atual recorrente de fazer jornalismo apenas a partir de relatos recolhidos, muitas vezes, através de redes sociais. É importante articular as interpretações dadas por eles ao fenômeno, na condição de porta-vozes do grupo na atualidade, com as análises dos pesquisadores que estudam as articulações entre testemunho, memória e jornalismo, percebendo como a contemporaneidade favorece o testemunho como discurso essencial e dotado de uma aura de verdade apriorística, muitas vezes também admitida pelo jornalismo baseado em um tratamento simplório das declarações, meramente reproduzidas sem checagem ou pesquisa contextual mais fundamentada.

Muitos artigos em veículos jornalísticos se resumem à reprodução da mensagem do leitor, com a resposta da autoridade competente, sem polifonia ou análise sobre passado e futuro da situação. A verdade da experiência de cada um, transmutada sob a forma de imagens vistas, capturadas e partilhadas, produz um discurso desassociado de qualquer referencial, tendo nele mesmo o sentido exacerbado do verdadeiro. A compulsão pela fala desassociada de sentido profundo esvazia a capacidade de categorizar, de evoluir criativamente.

Difícilmente há tempo e investimento na produção de conteúdos que marquem

quando o trabalho se resume à administração de relatos. O testemunho costuma ter sentido mais amplo e profundo quando relacionado ao grupo do qual seu autor faz parte, ou seja, depende do contexto do indivíduo em questão. A lembrança não está encerrada em si mesma.

O jornalismo é cada vez mais impregnado desses relatos, que surgem muitas vezes a partir das redes sociais e são reproduzidos nos veículos midiáticos sem aprofundamento. A vítima que vem a público poderia ser cada um de nós. Nossa veneração das vítimas pode se relacionar ao fato de reconhecermos nelas nossa própria passividade diante de um presente que tentamos controlar e enquadrar o tempo todo, via aparatos comunicacionais, mas que parece nos guiar para um abismo sem futuro. Esta é uma das dimensões do uso do testemunho nos veículos jornalísticos que citamos como exemplo deste momento histórico, entre outras, como o uso acusatório.

Se antes o jornalista se posicionava como observador da realidade, ele hoje parece perder lugar para um novo autor cada vez mais legitimado pela experiência. Ou seja, quanto mais tenha vivenciado a situação narrada, mais esse novo autor vai parecer autêntico aos olhos do leitor-espectador. E, atualmente, esse canal de comunicação é facilitado pelas redes sociais e smartphones, mecanismos que tornam possível e imediata a transmissão de experiências em qualquer lugar, a qualquer hora. Ou seja, não se pode desconsiderar que o jornalista sempre colheu relatos e testemunhos para produzir suas histórias. O que parece ter mudado são o tratamento e o lugar de destaque dados hoje ao rela-

to puro, sem contexto ou confronto, bem como a profusão e agilidade de sua veiculação. O papel de mediador do jornalista tem perdido sentido na contemporaneidade (GERK, 2016) diante de uma nova configuração do tempo, que não permite o hiato necessário para a mediação.

Para Georg Simmel (1969), a objetividade do contato olho a olho, da visibilidade recíproca que só existe se não for mediada (por palavras ou outras imagens), é o tipo de interação humana mais fundamental. Leva a uma compreensão do outro que não é filtrada por categorias gerais, mas é singular, é a forma maior de sociabilidade. A visibilidade promovida pelas ferramentas tecnológicas foge a essa lógica. A reflexão se relaciona com a preocupação que os personagens eleitos como referências demonstram: a pouca ida do jornalista a campo.

É complexo e perigoso considerar o testemunho apenas como um registro objetivo de uma experiência. O discurso, inclusive o jornalístico, altera a realidade, uma vez que a narrativa inventa o mundo, no sentido de recriá-lo. No caso da Operação Lava Jato, é difícil distinguir em que medida o próprio discurso jornalístico afetou o rumo dos acontecimentos que levaram à derrubada da presidente, por exemplo. Este é um dos grandes paradoxos do testemunho: se só é possível narrar recorrendo à imaginação e à memória, até que ponto o teor de verdade do testemunho seria contaminado por essa dose de imaginação e ficção? Não é que as delações não devessem, necessariamente, ser divulgadas e conhecidas. Mas é o tratamento simplista e sem questionamento que se dá às falas que pode empobrecer a

polifonia e a análise nos produtos jornalísticos.

Além disso, não se pode esquecer que a possibilidade de narrar carrega ainda a potência do que não é narrável e, sendo assim, “o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta” (AGAMBEN, 2008, p. 43). Nessa perspectiva, o testemunho é também uma construção de linguagem que se configura na tensão entre o que se pode dizer e aquilo que de fato é dito. O que foi deixado de fora? O que foi escolhido? É preciso interrogar-se também sobre a natureza deste não dito. Assim, o relato transmite tanto as provas e evidências de seu trajeto como os desvios e mistérios encontrados. Um relato é um mapa, que leva para muitos caminhos, explorados ou não naquela fala. É preciso entender essas rotas e os processos sociais nos quais estão imbricadas.

Como apontou Joutard (2015), o testemunho é sempre um problema, e a naturalização de qualquer testemunho é a sua morte. Para tratá-lo com ética e responsabilidade, é preciso considerá-lo um problema. Não há compreensão sem crítica. Essa explosão de registros se ancora, muitas vezes, no testemunho, em dar automaticamente legitimidade a discursos. Entretanto, nada muda mais que o passado, quando repensado a partir do presente. Se não são buscados uma verdade e os fundamentos, apenas versões satisfazem. Chega-se a uma situação em que falta um debate buscando um consenso, pois só há duelo de forças. O jornalista sempre tem uma posição, mas é um perigo cair em um relativismo absoluto, porque ele ainda procura ter um lugar de legitimidade da ordem do saber, e não só do “ponto de vista”.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história. **Contracampo**, v. 35, p. 7-26, 2016.

GERK, Cristine. **Jornalismo e público**: reconfigurações no contexto digital. WhatsApp do *Extra* como ferramenta histórico-tecnológica. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO). Rio de Janeiro, 2016.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

JOUTARD, Philippe. **Histoire et mémoires**: conflits et alliance. Paris: Éditions la Découverte. 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIMMEL, Georg. Sociology of the senses: visual interaction. In: PARK, Robert; BURGESS, Ernest. **Introduction to the science of sociology**. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

VAZ, Paulo; SANTOS, A.; ANDRADE, P. H. Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. **Lumina** (online), Juiz de Fora, v. 8, p. 1-33, 2014.

Data de recebimento: 09/04/2019

Data de aceite: 27/05/2019

Dados das autoras

Cristine Gerk

Doutoranda em Mídia e Mediações socioculturais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: crisgerk@gmail.com

Marialva Barbosa

Professora doutora do programa de Mídia e Mediações socioculturais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: marialva153@gmail.com